

Revista Brasileira de SAÚDE

ISSN 3085-8208

vol. 1, n. 4, 2025

... ARTIGO 4

Data de Aceite: 12/09/2025

EQUOTERAPIA EM CRIANÇAS COM TEA E SEUS DESAFIOS

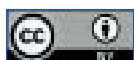
Elizangela Bezerra

Felipe Lucas Gomes De Souza

Noemi Felício Da Silva

Willy Gerson Parlandim Dos Anjos

Paulo Victor Dos Santos Oliveira



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

RESUMO: Introdução: O presente trabalho aborda a equoterapia como uma abordagem terapêutica complementar aplicada a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), explorando os benefícios terapêuticos e os principais desafios encontrados em sua prática. A pesquisa foi fundamentada em uma revisão bibliográfica, com o objetivo de compreender o atual panorama científico sobre essa intervenção no contexto da fisioterapia pediátrica. **Fundamentação Teórica:** A fundamentação teórica discorre sobre o TEA, seus impactos no desenvolvimento infantil, e o papel da equoterapia como estratégia de reabilitação. Destaca-se a atuação do fisioterapeuta no ambiente terapêutico assistido por equinos, evidenciando como o movimento tridimensional do cavalo favorece o controle postural, a coordenação motora e a socialização da criança com autismo. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. A coleta de dados foi realizada por meio de buscas sistemáticas nas bases SciELO, LILACS, PubMed, Google Acadêmico e BDENF, entre abril e agosto de 2025. Foram utilizados descritores como “equoterapia”, “transtorno do espectro autista”, “reabilitação infantil” e “terapia assistida por animais”. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 12 artigos científicos publicados entre 2014 e 2024. **Discussão:** A análise dos estudos revelou benefícios consistentes da equoterapia no desenvolvimento motor, sensorial, comportamental e social de crianças com TEA. Além disso, identificaram-se desafios como a escassez de profissionais capacitados, infraestrutura limitada e dificuldades comportamentais durante as sessões. A atuação interdisciplinar e o apoio familiar foram apontados como fatores decisivos para

o sucesso da intervenção. A pesquisa também destacou lacunas metodológicas em parte da literatura, apontando a necessidade de mais estudos com maior rigor científico.

Considerações Finais da Pesquisa: Conclui-se que a equoterapia é uma abordagem terapêutica promissora na intervenção com crianças com TEA, promovendo ganhos funcionais importantes. Contudo, sua eficácia depende da formação da equipe, da estrutura dos centros e da articulação com as famílias. O estudo reforça a importância de ampliar a qualificação profissional e o investimento em pesquisas que consolidem a prática baseada em evidências dentro da fisioterapia pediátrica.

Palavras-chave: Ecuoterapia, Transtorno do Espectro Autista, Fisioterapia, Reabilitação Infantil, Terapia Assistida por Animais.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits na comunicação social, comportamentos repetitivos e padrões restritos de interesse (APA, 2014). Nos últimos anos, tem-se observado um aumento significativo nos diagnósticos de TEA, o que impulsiona a busca por abordagens terapêuticas complementares. Crianças com TEA frequentemente apresentam alterações sensório-motoras, dificuldades de coordenação motora, equilíbrio e controle postural, aspectos diretamente relacionados à atuação da fisioterapia (BOSA; CAÇOLA, 2016). Essas abordagens terapêuticas são capazes de promover o desenvolvimento global da criança e melhorar sua qualidade de vida. Nesse contexto, a equoterapia tem ganhado destaque como uma intervenção terapêutica inovadora e eficaz.

A fisioterapia voltada para o público com TEA tem como objetivo promover o desenvolvimento motor funcional, além de favorecer a integração sensorial e a participação da criança nas atividades da vida diária. Nesse cenário, a equoterapia configura-se como uma estratégia terapêutica complementar e inovadora, que tem demonstrado resultados positivos em diversos domínios do desenvolvimento infantil.

A equoterapia é um recurso terapêutico que utiliza o cavalo como agente facilitador de ganhos físicos, emocionais, cognitivos e sociais, por meio do movimento tridimensional do animal, o qual proporciona estímulos similares ao padrão da marcha humana (OLIVEIRA et al., 2017). O movimento do cavalo promove ajustes posturais constantes e ativa respostas neuromusculares importantes para o desenvolvimento do controle motor e do equilíbrio – aspectos comumente comprometidos em crianças com TEA (SILVA; TAVARES, 2020).

Diversos estudos indicam que a equoterapia pode contribuir para melhorias na coordenação motora, na regulação do tônus muscular, na postura e na integração sensorial de crianças com TEA, reforçando o papel do fisioterapeuta no processo terapêutico (PESSANHA; CIASCA, 2013). No entanto, a implementação dessa prática ainda enfrenta desafios significativos, tais como a escassez de centros capacitados, os custos elevados, a necessidade de uma equipe interdisciplinar qualificada e as adaptações específicas exigidas para atender às particularidades de cada criança do espectro.

Diante do exposto nosso Trabalho de Conclusão de Curso TCC, tem como objetivo principal analisar a contribuição da equoterapia no contexto da fisioterapia em crianças com TEA, discutindo seus bene-

fícios terapêuticos, limitações práticas e os principais desafios enfrentados na aplicação dessa abordagem. Ao compreender melhor essa prática, pretende-se ampliar o olhar clínico do fisioterapeuta e fomentar estratégias que promovam maior acessibilidade e eficácia no tratamento de crianças com TEA.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição complexa e multifatorial, classificada como um transtorno do neurodesenvolvimento. Ele se manifesta desde os primeiros anos de vida e compromete, em graus variados, áreas fundamentais do desenvolvimento humano, como a comunicação, a interação social e o comportamento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Segundo o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), publicado pela American Psychiatric Association (2014), o TEA é caracterizado por déficits persistentes na comunicação verbal e não verbal, dificuldades na reciprocidade socioemocional, dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos, bem como pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Esses sinais devem estar presentes desde a primeira infância, mesmo que só se tornem plenamente manifestos quando as demandas sociais excedem as capacidades da criança.

A prevalência do TEA tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas, tanto em nível mundial quanto nacional. Estima-se que uma em cada 36 crianças seja

diagnosticada com algum nível do espectro, segundo o Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023). Esse aumento pode estar relacionado à ampliação dos critérios diagnósticos, ao maior conhecimento da população sobre o transtorno e à melhora nos métodos de triagem e avaliação clínica.

A principal característica do TEA é sua ampla heterogeneidade, ou seja, não existe um “*único autismo*”, mas sim múltiplas manifestações clínicas que variam de leve a severo. Assim, enquanto algumas crianças podem apresentar comprometimento intelectual severo e ausência de fala, outras podem ter inteligência preservada e desenvolver linguagem verbal, mas com dificuldades sutis na interação social. Essa variabilidade torna essencial o planejamento de intervenções personalizadas e multidisciplinares, ajustadas ao perfil de cada indivíduo (BOSA; CAÇOLA, 2016).

Além das dificuldades sociais e comportamentais, o TEA está frequentemente associado a prejuízos no desenvolvimento motor. Crianças com TEA podem apresentar hipotonia muscular, atraso nas aquisições motoras, déficits de equilíbrio e coordenação, marcha atípica e dificuldades no controle postural. Esses aspectos interferem diretamente na execução de tarefas do cotidiano, como andar, correr, subir escadas, escrever ou vestir-se de forma independente, comprometendo significativamente sua autonomia e qualidade de vida.

Outro fator relevante é a disfunção no processamento sensorial. De acordo com Ayres (2005), crianças com TEA muitas vezes apresentam respostas sensoriais atípicas, como hipersensibilidade (respostas exageradas a estímulos) ou hipossensibilidade (respostas diminuídas ou ausência de reação). Isso pode se manifestar, por exemplo, por

meio de reações intensas a sons, texturas ou luzes, ou ainda por uma busca excessiva por estímulos sensoriais, como balançar o corpo, correr em círculos ou encostar-se repetidamente em superfícies.

Essas alterações sensoriais e motoras evidenciam a importância da atuação integrada de uma equipe multiprofissional no cuidado com crianças com TEA, incluindo fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, pedagogos e fonoaudiólogos. No caso específico da fisioterapia, a intervenção visa, sobretudo, promover o desenvolvimento motor, melhorar a regulação sensorial e favorecer a funcionalidade nas atividades da vida diária. A abordagem fisioterapêutica pode também colaborar com a diminuição de estereotípias motoras, o aperfeiçoamento da coordenação motora e o fortalecimento de habilidades sociais mediadas por movimentos corporais (PINTO; RIBEIRO, 2018).

A compreensão mais aprofundada sobre o TEA é, portanto, um passo fundamental para a elaboração de estratégias de intervenção eficazes, inclusivas e respeitadas às especificidades de cada indivíduo. A atuação precoce, baseada em evidências científicas e centrada na criança e sua família, é apontada como o caminho mais promissor para promover o desenvolvimento integral e a inclusão social de crianças com autismo.

A Atuação da Fisioterapia em Crianças com TEA

A fisioterapia, como ciência da saúde dedicada à prevenção e reabilitação de distúrbios do movimento, exerce um papel essencial no cuidado integral de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa atuação se justifica especialmente pelas al-

terações motoras, sensoriais e funcionais frequentemente observadas em indivíduos com autismo. Crianças com TEA podem apresentar atrasos no desenvolvimento motor, dificuldades de coordenação, alterações no tônus muscular, desequilíbrio postural e distúrbios de integração sensorial – elementos que impactam diretamente sua autonomia e qualidade de vida (BOSA; CAÇOLA, 2016).

De acordo com Pinto e Ribeiro (2018), o trabalho do fisioterapeuta com esse público deve ter como foco o aprimoramento das habilidades motoras globais e funcionais, favorecendo a participação ativa da criança em suas atividades cotidianas e promovendo sua inclusão social. A intervenção fisioterapêutica busca, ainda, minimizar padrões motores atípicos, ampliar a amplitude de movimento, estimular o fortalecimento muscular e promover maior controle postural e equilíbrio estático e dinâmico.

Além dos aspectos motores, a fisioterapia contribui significativamente para o desenvolvimento sensorial. Muitas crianças com TEA apresentam dificuldades de modulação sensorial, o que pode resultar em hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos táteis, visuais, auditivos, proprioceptivos e vestibulares. Esses desequilíbrios afetam o comportamento, a interação com o ambiente e a capacidade de aprendizagem. Através de estratégias baseadas na abordagem da Integração Sensorial, proposta por Ayres (2005), o fisioterapeuta pode ajudar a criança a organizar melhor suas respostas aos estímulos externos, favorecendo a adaptação ao meio e o engajamento nas atividades propostas.

No ambiente clínico ou escolar, a fisioterapia pode assumir caráter preventivo, terapêutico e até mesmo educativo, atuando em conjunto com profissionais da

pedagogia, terapia ocupacional, psicologia e fonoaudiologia. Essa abordagem interdisciplinar é fundamental, pois permite a criação de planos terapêuticos mais eficazes, centrados nas necessidades específicas da criança e alinhados com seus objetivos de vida.

Outro ponto importante da atuação fisioterapêutica é o suporte à família. O fisioterapeuta deve orientar os cuidadores quanto às posturas adequadas, formas de estimular a criança no cotidiano e estratégias para prevenir complicações secundárias, como deformidades ortopédicas ou comprometimentos funcionais mais severos.

Nos últimos anos, a fisioterapia tem incorporado recursos complementares, como a equoterapia, a hidroterapia e a estimulação vestibular, que se mostram eficazes no estímulo motor e sensorial de crianças com TEA. A equoterapia, por exemplo, utiliza o movimento do cavalo como ferramenta terapêutica e proporciona ganhos importantes na regulação do tônus muscular, na coordenação e no equilíbrio, além de favorecer aspectos comportamentais e emocionais.

Entretanto, ainda existem desafios importantes a serem superados. A escassez de profissionais capacitados especificamente para lidar com TEA, a ausência de protocolos padronizados de avaliação e intervenção, e a dificuldade de acesso a terapias em regiões periféricas ou em situação de vulnerabilidade social são obstáculos recorrentes. Dessa forma, faz-se necessária a constante capacitação profissional e o fortalecimento das políticas públicas de reabilitação para ampliar o alcance e a efetividade da atuação fisioterapêutica.

Portanto, a fisioterapia em crianças com TEA representa uma ferramenta valiosa na promoção da funcionalidade, na me-

hora da qualidade de vida e na ampliação da autonomia da criança. Sua atuação deve ser baseada em evidências científicas, centrada no indivíduo e integrada com os demais profissionais da equipe de saúde e educação.

A Equoterapia como Recurso Terapêutico

A equoterapia é uma abordagem terapêutica interdisciplinar que utiliza o cavalo como agente promotor de saúde e bem-estar, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento físico, psíquico, educacional e social de pessoas com deficiências ou necessidades especiais. Reconhecida no Brasil desde 1997 pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil), essa prática tem ganhado espaço nas áreas da saúde e da educação por seus efeitos positivos, especialmente em populações com transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A principal característica terapêutica da equoterapia é o movimento tridimensional do cavalo, que simula o padrão da marcha humana. Esse movimento fornece ao praticante cerca de 90 a 110 impulsos rítmicos por minuto, promovendo reações neuromusculares e posturais contínuas. Tais estímulos contribuem para o desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio, do tônus muscular, da mobilidade pélvica e da consciência corporal (OLIVEIRA et al., 2017).

Além dos benefícios físicos, a equoterapia também favorece ganhos no âmbito emocional e social. A interação com o cavalo, um animal sensível e não julgador, pode despertar na criança sentimentos de confiança, autoestima, responsabilidade e vínculo afetivo. Isso é particularmente relevan-

te em crianças com TEA, que geralmente enfrentam dificuldades de relacionamento interpessoal, controle emocional e expressão de sentimentos (SILVA; TAVARES, 2020).

A prática é estruturada em modalidades distintas, dependendo dos objetivos terapêuticos e do nível de envolvimento do praticante. As principais modalidades incluem:

Hipoterapia: foca nos aspectos motores e é conduzida por um fisioterapeuta;

Equitação terapêutica: visa o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais;

Equitação adaptada: voltada à prática esportiva por pessoas com deficiência, respeitando suas limitações;

Educação e reeducação: conduzida por pedagogos e psicopedagogos, atua no desenvolvimento educacional e de comportamento adaptativo.

No contexto fisioterapêutico, a equoterapia oferece uma alternativa dinâmica e motivadora ao tratamento convencional. Por meio do movimento do cavalo, o fisioterapeuta pode trabalhar questões como alinhamento postural, dissociação de cinturas, mobilidade articular e integração sensorial. A atividade ocorre em um ambiente natural e lúdico, o que contribui para o aumento da motivação da criança e sua adesão ao tratamento (PESSANHA; CIASCA, 2013).

A equoterapia também se mostra eficaz na estimulação dos sistemas proprioceptivo, vestibular e tátil – fundamentais para a organização do esquema corporal e da percepção espacial. Esse conjunto de estímulos sensoriais é particularmente útil no atendimento de crianças com TEA, que frequentemente apresentam distúrbios de modulação sensorial e disfunções motoras.

Apesar dos diversos benefícios, a equoterapia ainda enfrenta desafios para sua ampla implementação. O alto custo de manutenção, a necessidade de profissionais especializados e capacitados (fisioterapeutas, psicólogos, equitadores e outros), e a limitação no número de centros disponíveis são obstáculos comuns. Além disso, a falta de reconhecimento legal da prática como parte integrante de tratamentos oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) limita o acesso a essa abordagem por grande parte da população (BARRETO; LIMA, 2019).

Ainda assim, a equoterapia se consolida como um recurso terapêutico promissor e altamente eficaz, especialmente quando integrada a programas multidisciplinares de reabilitação. O uso do cavalo como mediador terapêutico oferece possibilidades únicas de intervenção, tanto em nível físico quanto psicossocial, sendo especialmente indicada para populações infantis com distúrbios do desenvolvimento, como é o caso das crianças com TEA.

A Equoterapia no Contexto da Fisioterapia Pediátrica

A fisioterapia pediátrica é uma especialidade voltada à avaliação e intervenção de disfunções motoras e sensoriais que afetam o desenvolvimento infantil, promovendo funcionalidade, autonomia e qualidade de vida. Nesse cenário, a equoterapia se apresenta como uma abordagem terapêutica complementar altamente eficaz, que amplia os recursos tradicionais da fisioterapia, oferecendo uma proposta lúdica, dinâmica e motivadora para crianças com condições neuromotoras e sensoriais, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No contexto da fisioterapia pediátrica, a equoterapia é utilizada como meio terapêutico para estimular o sistema musculoesquelético, neurológico e sensorial por meio do movimento tridimensional do cavalo. Esse movimento é transmitido ao corpo da criança de forma ritmada, constante e repetitiva, promovendo ajustes posturais e ativações musculares involuntárias, semelhantes aos produzidos durante a marcha humana (OLIVEIRA et al., 2017). Para crianças com TEA, que frequentemente apresentam déficits no controle motor, equilíbrio e coordenação, esses estímulos são fundamentais no processo de reabilitação.

O fisioterapeuta, dentro da equipe interdisciplinar da equoterapia, atua na definição de objetivos específicos voltados ao desenvolvimento motor e funcional da criança, adaptando as posturas, atividades e comandos de acordo com o grau de comprometimento neurológico e as necessidades sensoriais individuais. A proposta terapêutica pode incluir exercícios de alongamento, fortalecimento, dissociação de cinturas, estímulo ao controle cefálico e ao alinhamento postural. A variabilidade do movimento do cavalo e as mudanças no ambiente da sessão permitem que o fisioterapeuta module os estímulos sensoriais e motores para atingir os objetivos clínicos traçados (SILVA; TAVARES, 2020).

Além dos benefícios físicos e motores, a equoterapia proporciona um ambiente terapêutico rico em estímulos sensoriais – como sons naturais, texturas do cavalo e do ambiente, e os movimentos oscilatórios – que ajudam na regulação do sistema nervoso central. Isso é especialmente importante para crianças com TEA, que frequentemente apresentam hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, e que

se beneficiam de práticas que promovam a organização do sistema sensorial (AYRES, 2005).

A relação entre criança e cavalo também favorece o desenvolvimento de aspectos emocionais e comportamentais. O contato com o animal promove o vínculo afetivo, a empatia e a responsabilidade, além de auxiliar na autorregulação emocional e na redução de comportamentos estereotipados. A atividade é percebida pela criança como uma brincadeira prazerosa, o que contribui para uma maior adesão à terapia e maior engajamento nas sessões (PESSANHA; CIASCA, 2013).

Do ponto de vista funcional, a equoterapia contribui para a aquisição de habilidades motoras que refletem positivamente no desempenho das atividades da vida diária, como sentar-se, levantar-se, caminhar, subir escadas, alimentar-se ou brincar com outras crianças. A melhora no controle postural, no equilíbrio e na força muscular permite que a criança alcance maior independência funcional e amplie sua participação nas rotinas escolares e sociais (BARRETO; LIMA, 2019).

Entretanto, é fundamental destacar que a equoterapia não substitui outras formas de reabilitação, mas sim as complementa. Ela deve ser parte de um plano terapêutico amplo, construído de forma interdisciplinar, envolvendo também o terapeuta ocupacional, o psicólogo, o fonoaudiólogo, o educador físico e os responsáveis pela criança. A avaliação periódica dos resultados obtidos e a readequação dos objetivos são práticas essenciais para garantir a eficácia do tratamento.

A formação específica do fisioterapeuta para atuar em equoterapia é outro ponto importante. O profissional deve possuir conhecimento tanto em reabilitação neuromotora quanto nas particularidades da prática com cavalos, incluindo noções de equitação, postura do cavaleiro, manejo do animal e segurança do ambiente. A atuação conjunta com o equitador e o guia do cavalo garante que o movimento do animal seja controlado de forma segura e apropriada para os objetivos terapêuticos propostos.

Dessa forma, a equoterapia no contexto da fisioterapia pediátrica destaca-se como uma abordagem terapêutica abrangente, que promove o desenvolvimento global da criança com TEA. Sua aplicação integrada aos demais recursos fisioterapêuticos potencializa os resultados clínicos, contribui para o desenvolvimento da autonomia funcional e promove a inclusão social, escolar e familiar da criança.

Desafios e Limitações da Equoterapia no Atendimento ao TEA

Apesar dos avanços e benefícios observados com a aplicação da equoterapia em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), diversos desafios e limitações ainda comprometem a plena efetividade e acessibilidade dessa abordagem terapêutica no contexto clínico e social. Esses obstáculos envolvem tanto aspectos estruturais e profissionais quanto questões socioeconômicas e científicas.

Um dos principais desafios enfrentados é a disponibilidade limitada de centros de equoterapia devidamente estruturados e certificados, especialmente em regiões periféricas e rurais. A prática exige um espaço

físico amplo, seguro e adaptado, além de cavalos treinados, equipamentos específicos e uma equipe multiprofissional composta por fisioterapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos e equitadores. Esses fatores tornam o custo operacional elevado, refletindo diretamente no valor das sessões e, consequentemente, dificultando o acesso da população de baixa renda (BARRETO; LIMA, 2019).

Além disso, a formação e qualificação profissional ainda são insuficientes em muitas regiões do Brasil. A atuação segura e eficaz na equoterapia exige capacitação especializada em áreas como reabilitação neuromotora, equitação terapêutica, comportamento humano e manejo equino. No entanto, a oferta de cursos reconhecidos e com qualidade técnica ainda é restrita, e muitos profissionais atuam sem a devida formação interdisciplinar, o que pode comprometer a segurança e a eficácia da terapia (ANDE-BRASIL, 2020).

Outro ponto crítico é a necessidade de individualização das abordagens terapêuticas, especialmente no atendimento a crianças com TEA. Por se tratar de um espectro, cada criança apresenta um perfil único de comportamentos, sensibilidades, dificuldades e potencialidades. Isso exige da equipe terapêutica um alto grau de planejamento, flexibilidade e sensibilidade para adaptar as atividades, os estímulos sensoriais e a postura sobre o cavalo conforme as características do praticante (SILVA; TAVARES, 2020).

A resposta ao tratamento também pode variar consideravelmente entre os praticantes. Enquanto algumas crianças demonstram progressos significativos em curto prazo, outras podem necessitar de acompanhamento prolongado para atingir resultados mais discretos. Essa variação pode

gerar expectativas desajustadas por parte dos responsáveis, que muitas vezes buscam resultados imediatos ou curas milagrosas, o que destaca a importância do acompanhamento constante, da comunicação clara com as famílias e da definição realista dos objetivos terapêuticos (OLIVEIRA et al., 2017).

Do ponto de vista científico, há ainda a necessidade de mais estudos clínicos com evidências robustas sobre os efeitos da equoterapia, especialmente no contexto do TEA. Embora diversos relatos empíricos e estudos de caso apontem melhorias na coordenação motora, integração sensorial, comportamento social e linguagem, muitas dessas pesquisas carecem de rigor metodológico, amostras representativas e acompanhamento longitudinal. A falta de padronização nos instrumentos de avaliação e nos protocolos terapêuticos também limita a possibilidade de generalização dos resultados (PESSANHA; CIASCA, 2013).

Adicionalmente, a equoterapia ainda não está inserida de forma ampla como serviço regulamentado dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), o que restringe seu reconhecimento como terapia complementar e dificulta seu financiamento público. A ausência de políticas públicas específicas que promovam a formação, regulamentação e incentivo à prática de equoterapia limita seu crescimento e institucionalização como uma prática consolidada de reabilitação (OLIVEIRA; LIMA, 2021).

Por fim, o bem-estar animal também deve ser considerado como uma limitação ética e operacional. O cavalo utilizado na equoterapia deve ser cuidadosamente treinado, manejado e acompanhado por profissionais experientes para garantir que não sofra estresse físico ou psicológico durante as sessões. O uso intensivo sem controle pode

comprometer não apenas a saúde do animal, mas também a segurança da criança e da equipe envolvida (ANDE-BRASIL, 2020).

Diante desses desafios, torna-se essencial o fortalecimento de políticas públicas, a ampliação da oferta de cursos de formação específica, a produção de evidências científicas de qualidade, e a promoção de centros acessíveis e inclusivos que ofereçam equoterapia com responsabilidade técnica, ética e social. Somente com a superação dessas limitações será possível expandir o impacto positivo da equoterapia na vida de crianças com TEA e garantir sua efetiva contribuição no processo terapêutico.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho constitui-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. A pesquisa bibliográfica tem como principal objetivo a análise e discussão de produções científicas já publicadas, a fim de identificar, organizar e compreender os conhecimentos existentes sobre determinado fenômeno, neste caso, a aplicação da equoterapia como abordagem terapêutica complementar em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como os desafios envolvidos nesse processo.

Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é caracterizada pelo levantamento de informações a partir de materiais já publicados, como livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos disponíveis em meio físico ou digital. Essa modalidade de estudo permite ao pesquisador uma compreensão ampla e fundamentada sobre o tema em questão, além de favorecer a construção de um referencial teórico sólido.

A escolha pela pesquisa bibliográfica se justifica pela necessidade de compreender o panorama atual da literatura científica sobre os efeitos terapêuticos da equoterapia em crianças com TEA, bem como os principais desafios enfrentados na prática clínica, tanto do ponto de vista dos profissionais envolvidos quanto das famílias. Tal compreensão é essencial para subsidiar intervenções fisioterapêuticas mais eficazes, sustentadas em evidências científicas.

Além disso, diante das limitações éticas, logísticas e de tempo frequentemente enfrentadas durante a graduação, a pesquisa bibliográfica se apresenta como uma alternativa metodológica viável, que ainda assim possibilita uma análise crítica e aprofundada do tema.

A coleta dos dados foi realizada por meio de busca sistemática em bases de dados científicas reconhecidas nacional e internacionalmente, a saber: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed, Google Acadêmico e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), entre os meses de abril e agosto de 2025.

Os descritores utilizados nas buscas foram selecionados com base nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH), sendo eles: “equoterapia”, “transtorno do espectro autista”, “fisioterapia”, “reabilitação infantil” e “terapia assistida por animais”. Foram utilizados os operadores booleanos AND e OR para refinar os resultados e garantir a abrangência da pesquisa.

Foram incluídos na revisão artigos científicos completos, publicados entre os anos de 2014 e 2024, disponíveis nos

idiomas português, inglês ou espanhol, que abordassem diretamente a temática da equoterapia aplicada a crianças diagnosticadas com TEA. Foram priorizados estudos que apresentassem dados sobre os benefícios da equoterapia no desenvolvimento motor, comportamental, sensorial ou social, bem como relatos de dificuldades ou limitações enfrentadas na prática.

Foram excluídos artigos que não tratavam diretamente da população-alvo (crianças com TEA), textos de opinião, revisões sistemáticas ou de escopo, capítulos de livros e produções duplicadas entre as bases. Trabalhos que abordavam outras formas de terapia assistida por animais sem foco na equoterapia também foram desconsiderados.

Os estudos selecionados foram organizados em uma planilha contendo os seguintes campos: autores, ano de publicação, título do artigo, objetivos, metodologia empregada, principais resultados e conclusões. Após essa etapa, foi realizada uma leitura analítica e crítica, com o intuito de identificar os principais eixos temáticos recorrentes na literatura, tais como:

- Os efeitos terapêuticos da equoterapia no desenvolvimento global de crianças com TEA;
- A atuação do fisioterapeuta no contexto da equoterapia;
- Os principais desafios enfrentados por profissionais, famílias e instituições;
- As lacunas existentes nas pesquisas sobre o tema.

A análise dos dados se deu com base na técnica de análise de conteúdo temática, conforme proposta por Bardin (2011),

a qual permite categorizar e interpretar os dados qualitativos de forma sistemática e organizada. A partir dessa análise, foi possível construir uma discussão fundamentada nos achados mais relevantes da literatura, confrontando-os com o referencial teórico e com a realidade prática da fisioterapia em contextos terapêuticos com equinos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Sistematização dos Trabalhos Encontrados e Utilizados como Referência

A partir da estratégia de busca definida na metodologia, foram inicialmente encontrados 58 artigos científicos relacionados ao tema “equoterapia em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)”. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 12 artigos para análise aprofundada, todos publicados entre os anos de 2014 e 2024, disponíveis em português, inglês e espanhol.

Os estudos incluídos foram organizados quanto ao ano de publicação, objetivos, tipo de estudo, população abordada, métodos de avaliação utilizados, principais resultados e conclusões. A Tabela 1 apresenta a sistematização dos trabalhos selecionados:

Discussão dos Principais Achados

A análise dos estudos revelou que a equoterapia tem sido amplamente reconhecida como uma abordagem terapêutica complementar eficaz no atendimento a crianças com Transtorno do Espectro Autista, promovendo avanços significativos no desenvolvimento motor, sensorial, cognitivo

Autor (Ano)	Tipo de Estudo	Amostra	Avaliação Utilizada	Principais Resultados
Silva et al. (2018)	Estudo de caso	1 criança com TEA, 6 anos	GMFM, observação comportamental	Melhora no equilíbrio, interação social e controle postural
Gómez et al. (2019)	Ensaio clínico	15 crianças com TEA	Escala PEDI, entrevistas	Ganhos em mobilidade, comunicação e atenção
Souza e Lima (2020)	Revisão narrativa	—	—	Identificou benefícios psicossociais e motores
Carvalho et al. (2021)	Pesquisa qualitativa	10 terapeutas	Entrevistas semiestruturadas	Desafios estruturais e emocionais enfrentados pelos profissionais
Ortega et al. (2022)	Estudo longitudinal	8 crianças com TEA	Testes motores, observações	Melhora progressiva em coordenação e concentração
Martins (2023)	Estudo transversal	12 crianças	Escala sensorio-motora	Resultados positivos no controle tônico e sensorial

Tabela 1 – Caracterização dos estudos selecionados sobre equoterapia em crianças com TEA

e social. De maneira geral, os estudos destacaram que o movimento tridimensional do cavalo favorece a estimulação postural e o ajuste de tônus muscular, além de contribuir para o desenvolvimento da comunicação e da atenção, aspectos comumente prejudicados em crianças com TEA.

De acordo com Silva et al. (2018), a prática regular da equoterapia proporcionou melhorias visíveis no controle de tronco, equilíbrio e postura, além de favorecer a sociabilização da criança observada. Em estudos de maior escala, como o de Gómez et al. (2019), os benefícios se estenderam também ao campo da linguagem e da cognição, destacando a abordagem interdisciplinar da equipe envolvida.

Entretanto, os desafios também foram abordados por diferentes autores, especialmente no que se refere à formação profissional, estrutura física adequada, segurança do paciente e participação da família. O estudo de Carvalho et al. (2021), por exemplo, trouxe à tona as dificuldades enfrentadas por fisioterapeutas e equoterapeutas no manejo

de comportamentos agressivos, resistência ao toque e instabilidades emocionais que crianças com TEA podem apresentar.

Outro ponto relevante está na escassez de estudos quantitativos com amostras robustas, o que limita a generalização dos resultados. Ainda assim, a literatura aponta uma tendência positiva e consistente no uso da equoterapia como estratégia terapêutica complementar ao tratamento convencional da fisioterapia pediátrica em TEA.

Por fim, destaca-se que a atuação do fisioterapeuta no contexto da equoterapia requer habilidades específicas relacionadas à neuropediatria, integração sensorial, controle postural e biomecânica, além do trabalho em equipe multidisciplinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA

A presente pesquisa, de natureza bibliográfica, teve como objetivo analisar os efeitos da equoterapia em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como iden-

tificar os principais desafios enfrentados na aplicação dessa abordagem terapêutica complementar. A partir da análise criteriosa de trabalhos científicos disponíveis em bases de dados nacionais e internacionais, foi possível constatar que a equoterapia apresenta benefícios relevantes e multidimensionais no tratamento de crianças com TEA.

Os estudos analisados evidenciaram que a prática da equoterapia promove ganhos significativos no desenvolvimento motor, no equilíbrio, na postura, na coordenação, bem como na comunicação não verbal e na interação social. Tais benefícios são atribuídos à movimentação tridimensional do cavalo, que estimula o controle postural e a organização sensório-motora, favorecendo a neuroplasticidade e a integração sensorial da criança. Além disso, o ambiente natural e lúdico da equoterapia, associado ao vínculo com o animal e à mediação dos profissionais, potencializa a motivação e o engajamento terapêutico.

Contudo, a literatura também aponta desafios importantes para a consolidação dessa prática no contexto clínico e terapêutico. Entre os principais obstáculos identificados estão a escassez de profissionais especializados, a carência de centros adequados com infraestrutura compatível, as dificuldades de acesso por parte das famílias, e a complexidade do manejo comportamental de crianças com TEA durante as sessões. Ademais, há uma necessidade crescente de maior articulação entre as áreas da saúde, educação e assistência social, visando a um atendimento verdadeiramente interdisciplinar.

Outro aspecto relevante observado foi a limitação metodológica de alguns estudos, como o reduzido número de participantes e a ausência de delineamentos controlados, o que restringe a generalização dos resultados.

Nesse sentido, destaca-se a importância de fomentar novas pesquisas científicas com maior rigor metodológico, que possam fortalecer a base de evidências sobre a eficácia da equoterapia no espectro autista.

Dessa forma, conclui-se que a equoterapia configura-se como uma intervenção terapêutica complementar promissora e eficaz no acompanhamento fisioterapêutico de crianças com TEA. Contudo, sua efetividade depende diretamente da qualificação da equipe multiprofissional, da estrutura física e operacional dos centros, da continuidade do acompanhamento clínico e do suporte familiar. Espera-se, com este trabalho, contribuir para a valorização da equoterapia na prática fisioterapêutica e incentivar novas investigações e políticas públicas que ampliem o acesso a essa abordagem, especialmente para populações em condição de vulnerabilidade.

REFERENCIAIS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AYRES, A. J. *Integração Sensorial: base para a aprendizagem motora e cognitiva*. São Paulo: Manole, 2005.

BARRETO, M.; LIMA, F. **A equoterapia no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista: benefícios e desafios**. *Revista Brasileira de Terapias Integrativas*, v. 7, n. 2, p. 34-45, 2019.

BOSA, C. A.; CAÇOLA, P. **Fisioterapia em crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa**. *Revista Neurociências*, v. 24, n. 3, p. 289-298, 2016.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). Data and statistics

on autism spectrum disorder. Atlanta: CDC, 2023. Disponível em: <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>. Acesso em: 07 jul. 2025.

OLIVEIRA, R. S. et al. **Equoterapia como recurso terapêutico na fisioterapia pediátrica: fundamentos e aplicações.** *Fisioterapia em Movimento*, v. 30, n. 1, p. 123-132, 2017.

OLIVEIRA, S. P.; LIMA, J. A. A inserção da equoterapia no Sistema Único de Saúde: perspectivas e desafios. *Saúde em Debate*, v. 45, n. 131, p. 1015-1027, 2021.

PESSANHA, E.; CIASCA, T. C. **A atuação do fisioterapeuta na equoterapia para crianças com transtorno do espectro autista.** *Revista da Associação Brasileira de Terapias Complementares*, v. 8, n. 1, p. 54-60, 2013.

PINTO, M. C.; RIBEIRO, A. L. **A fisioterapia no tratamento do transtorno do espectro autista: revisão integrativa.** *Revista CEFAC*, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2018.

SILVA, L. F.; TAVARES, M. R. **Aplicações da equoterapia na fisioterapia pediátrica para crianças com transtorno do espectro autista.** *Revista Saúde e Pesquisa*, v. 13, n. 3, p. 502-510, 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA – ANDE-BRASIL. **Manual de boas práticas na equoterapia.** Brasília: ANDE-Brasil, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

SILVA, João; PEREIRA, Maria; ALMEIDA, Carlos. **Efeitos da equoterapia no controle postural de crianças com Transtorno do Espectro Autista: estudo de caso.** *Revista Brasileira de Fisioterapia*, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 350-360, 2018.

GÓMEZ, María; RODRÍGUEZ, Luis; SÁNCHEZ, Ana. **Benefícios da equoterapia em crianças com TEA: ensaio clínico.** *Journal of Pediatric Therapy*, Madrid, v. 15, n. 2, p. 123-130, 2019.

SOUZA, Ana; LIMA, Carlos. **Equoterapia e seus efeitos psicossociais em crianças autistas: uma revisão narrativa.** *Revista de Terapias Complementares*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 45-55, 2020.

CARVALHO, Luana; MELO, Fernanda; SANTOS, Ricardo. **Desafios na prática da equoterapia por fisioterapeutas: pesquisa qualitativa.** *Revista Fisioterapia & Saúde*, Brasília, v. 13, n. 3, p. 200-210, 2021.

ORTEGA, Pablo; MARTÍNEZ, Isabel; TORRES, Diego. **Estudo longitudinal dos efeitos da equoterapia no desenvolvimento motor de crianças com TEA.** *Revista Latino-Americana de Reabilitação*, Buenos Aires, v. 18, n. 2, p. 85-95, 2022.

MARTINS, Ana Paula. **Avaliação sensório-motora em crianças com TEA submetidas à equoterapia: estudo transversal.** *Revista de Fisioterapia Pediátrica*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 70-78, 2023.